PROJETO Mulheres na Ciência Política

ABCP
Associação Brasileira
de Ciência Política

PROJETO Mulheres na Ciência Política

Coordenação: Carla Almeida, Cristina Buarque de Hollanda, Flávia Biroli, Luciana Tatagiba, Vanessa Elias de Oliveira

Comissão executiva: Carla Almeida, Cristina Buarque de Hollanda

Revisão e finalização: Bianca Florencio

Programação visual: Bruno Maggioni, Contágio Criação

Uma realização da Associação Brasileira de Ciência Política, sob a gestão (2018-2020) de Flávia Biroli (presidente), Fernando Guarnieri (secretário executivo), Luciana Tatagiba (secretária executiva adjunta), Ednaldo Ribeiro, Fabiano Engelmann, Luciana Ballestrin, Maria Dolores Lima da Silva, Mariana Batista, Monique Menezes, Ricardo Fabrino Mendonça, Rogério Arantes, Vanessa Elias de Oliveira.

ABCP
Associação Brasileira de Ciência Política

ENTREVISTAS

1. **Argelina Figueiredo (UERJ)**, por San Romanelli Assumpção (UERJ)
2. **Céli Pinto (UFRGS)**, por Luciana Ballestrin (UFPel)
3. **Celina Souza (UNIRIO)**, por Maria Abreu (UFRJ)
4. **Cristina Carvalho Pacheco (UEPB)**, por Lizandra Serafim (UFPB)
5. **Denise Paiva (UFG)**, por Fabiana da Cunha Saddi (UFG)
6. **Eliane Superti (UNIFAP)**, por Camila Maria Risso Sales (UFLA)
7. **Evelina Dagnino (UNICAMP)**, por Flávia Cristina Regilio Rossi (Unicamp)
8. **Gabriela Tarouco (UFPE)**, por Monique Menezes (UFPI)
9. **Lígia Helena Hahn Lüchmann (UFSC)**, por Carla Ayres (Pesquisadora Independente)
10. **Lindijane de Souza Bento Almeida (UFRN)**, por Olívia Cristina Perez (UFPI)
11. **Lourdes Sola (USP)**, por San Romanelli Assumpção (UERJ)
12. **Luciana Aliaga (UFPB)**, por Lizandra Serafim (UFPB)
13. **Maria Hermínia Tavares de Almeida (USP)**, por Vanessa Elias de Oliveira (UFABC)
14. **Maria Luzia Álvares (UFPA)**, por Maria Dolores L. da Silva (UFPA)
15. **Maria Regina Soares de Lima (UERJ)**, por Letícia Pinheiro (UERJ) e Carlos Milani (UERJ)
16. **Maria Teresa Miceli Kerbauy (UNESP)**, por Carla Ayres (Pesquisadora Independente)
17. **Maria Teresa Sadek (USP)**, por San Romanelli Assumpção (UERJ) e Glenda Mezarobba (Pesquisadora Independente)
18. **Maria Victoria de Mesquita Benevides (USP)**, por San Romanelli Assumpção (UERJ) e Glenda Mezarobba (Pesquisadora Independente)
19. **Maria de Fátima Junho Anastasia (UFMG)**, por Helga do Nascimento de Almeida (UNIVASF)
20. **Maria do Socorro Sousa Braga (UFSCar)**, por Carla Ayres (Pesquisadora Independente)
21. **Marilde Loiola de Menezes (UnB)**, por Danusa Marques (UnB)
22. **Marlise Matos (UFMG)**, por Breno Cypriano (UFMG)
23. **Marta Arretche (USP)**, por Luciana Martins (UFES)
24. **Mônica Mata Machado de Castro (UFMG)**, por Claudia Feres (UFMG)
25. **Monique Menezes (UFPI)**, por Camila Maria Risso Sales (UFLA)
26. **Nírvia Ravena (UFPA)**, por Maria Dolores L. da Silva (UFPA)
27. **Rachel Meneguello (UNICAMP)**, por Luciana Tatagiba (Unicamp)
28. **Raquel Kritsch (UEL)**, por Carla Almeida (UEM)
29. **Sônia Draibe (UNICAMP)**, por Vanessa Elias de Oliveira (UFABC)
30. **Vera Chaia (PUC-SP)**, por Natasha Bachini (UERJ)

O PROJETO

A Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) tem um compromisso histórico com a compreensão e o aprimoramento da Ciência Política no Brasil. É neste sentido que, no momento atual, se volta para as relações de gênero e analisa as diferentes formas como essas relações estruturam os contornos do nosso campo disciplinar e o exercício da profissão. Nosso objetivo com esse projeto é duplo. Por um lado, buscamos dar continuidade a esforços das diretorias que nos precederam no sentido de resgatar nossa memória institucional. Por outro lado, queremos evidenciar a contribuição das mulheres na construção dos alicerces de nossa disciplina, algo nem sempre devidamente considerado.

O Projeto Mulheres na Ciência Política se iniciou em 2018. Uma de suas frentes, desenvolvida ao longo de 2019, foi a realização de entrevistas com mulheres que atuam na área. São mulheres de diferentes gerações e regiões do país, cujas trajetórias denotam forte compromisso com a construção e consolidação da Ciência Política, por meio das atividades de pesquisa, de ensino e do desempenho de funções administrativas em diferentes âmbitos.

Ao todo, foram 30 entrevistas, que agora tornamos públicas. Contamos com o trabalho e apoio qualificado de 23 entrevistadoras, também da área de Ciência Política, com afinidades teóricas e, em muitos casos, parcerias e proximidade afetiva com as entrevistadas. A todas elas, entrevistadas e entrevistadoras, agradecemos por terem aceitado fazer parte desse projeto, por sua seriedade, compromisso e afabilidade em todo o processo. Nos encontros que resultaram nas entrevistas aqui reunidas, a produção do conhecimento e a afetividade estiveram entrelaçadas. Para nossa Diretoria, essa dimensão do projeto foi algo muito valioso, visto encarnar nossa aposta em uma forma de produção do conhecimento que seja ao mesmo tempo rigorosa e solidária, onde o cuidado de si e o cuidado do outro não sejam contrapostos à produção intelectual, mas seu ingrediente ineludível.

Vemos essas entrevistas como um momento inicial dos esforços da ABCP para reconhecer a relevância das cientistas mulheres e melhor entender quem são, suas trajetórias e se, e como, o fato de serem mulheres toca seu desenvolvimento acadêmico e profissional. Esperamos que outros esforços se somem a esses e mais trajetórias possam ser conhecidas.

Para além da visibilidade, nosso objetivo é contribuir para a reflexão sobre relações de poder no próprio campo. As entrevistas, assim como o livro Mulheres, poder e Ciência Política, organizado pelas coordenadoras do projeto e que será publicado pela Editora da Unicamp no ano de 2020, oferecem diferentes tipos de dados e experiências narradas que permitem identificar vieses e problemas que merecem nossa atenção.

Iniciamos esta breve apresentação mencionando o compromisso da ABCP com a compreensão e aprimoramento da Ciência Política no Brasil. Gostaríamos de finalizar o texto ressaltando que nosso entendimento é que isso envolve a construção de relações mais igualitárias e democráticas, dentro e fora da academia e da disciplina. Há muitos desafios para a produção do conhecimento e, também, para a reinvenção das relações de gênero, de modo que violência, assédio e a reprodução de práticas formais e informais que significam desvantagens para as mulheres sejam superadas.

Flávia Biroli (presidente Abcp)

Fernando Guarnieri (secretário executivo)

Luciana Tatagiba (secretaria adjunta)

Diretoria ABCP 2018-2020

NOTA DA COMISSÃO EXECUTIVA

O Projeto Mulheres na Ciência Política traz a público trajetórias profissionais femininas que marcaram a constituição e a expansão desse campo disciplinar no Brasil. Ao longo dos anos de 2018 e 2019, ele promoveu a entrevista de 30 cientistas políticas brasileiras de diferentes gerações, regiões e instituições. Temos clareza de que se trata de um conjunto muito reduzido de profissionais de uma área cujos esforços de estabelecimento e expansão foram significativamente femininos. Com intenção apenas exploratória – que poderá ser ampliada e aprimorada no futuro – o projeto contemplou mulheres que iniciaram sua formação em fins dos anos 60 e 70 e empreenderam as primeiras ações de institucionalização da Ciência Política no país, mulheres que participaram ativamente do processo de consolidação da Ciência Política nas décadas seguintes e, por fim, mulheres que atuaram na expansão experimentada pela área no Brasil, notadamente nos anos 2000, com a criação de novos programas de graduação e pós-graduação pelo território nacional.

Nessa empreitada, contamos com uma equipe de 23 colegas entrevistadoras que tinham ou tiveram alguma relação prévia com as entrevistadas, seja de orientação, vida profissional em comum, e/ ou afinidade e admiração intelectual. A elas agradecemos a generosa disponibilidade e também o entusiasmo com que acolheram o projeto. A partir de um roteiro semiestruturado proposto pelas organizadoras deste projeto após debate amplo, as entrevistadoras atuaram com liberdade e acrescentaram suas próprias questões às entrevistadas, ao sabor do próprio curso das entrevistas e também de suas cumplicidades com as entrevistadas. O material farto que resultou desse empreendimento coletivo tem traços comuns que permitem estabelecer comparações entre as entrevistas, mas tem também marcas das interações muito particulares entre entrevistadas e entrevistadoras. Na organização do material, além de pequenos textos livres de auto-apresentação das entrevistadas, incluímos também trechos em que as entrevistadoras comentam sua experiência de entrevista e, assim, dividem com o leitor elementos para que possam compreender seu contexto de interação.

Evidentemente, as entrevistas não esgotaram a pluralidade das trajetórias das mulheres partícipes da construção e expansão da área no país e deixaram de fora centenas delas. Entretanto, a preocupação em contemplar diferentes gerações, regiões e filiações institucionais gerou um corpus discursivo multifacetado, rico e suscetível a diferentes perguntas de pesquisa e interpelações analíticas. A expectativa é de que esse material inspire outras iniciativas que ampliem nosso conhecimento sobre a Ciência Política, a presença das mulheres e outros marcadores de desigualdade que fizeram e fazem parte da construção desse campo disciplinar no país.

Carla Almeida

Cristina Buarque de Hollanda

Comissão Executiva do Projeto Mulheres na Ciência Política

Nota introdutória

HELGA DO NASCIMENTO DE ALMEIDA

Me senti emocionada desde o momento do convite da Professora Dr.ª Carla Almeida e da Professora Dr.ª Cristina Buarque para ser a entrevistadora da Professora Dr.ª Fátima Anastasia no projeto "Mulheres na Ciência Política", organizado pela "Associação Brasileira de Ciência Política" e pelas professoras Dr.ª Luciana Tatagiba, Dr.ª Flávia Biroli e Dr.ª Vanessa Elias de Oliveira.

Minha comoção se deu, primeiramente, por tratar de uma iniciativa que coloca as mulheres que construíram a ciência política brasileira no centro dos holofotes. O projeto se propõe a mostrar mulheres excepcionais e reais, dotadas de complexidades e idiossincrasias, que construíram suas trajetórias enfrentando desafios de toda ordem e se consolidaram como cientistas em um mundo em que o peso de ser mulher é ainda profundo.

Em segundo lugar, minha alegria se deu ao saber que entrevistaria uma mulher tão marcante em minha formação acadêmica e na de tantos outros colegas, a Professora Dr.ª Fátima Anastasia. Fui aluna de Fátima Anastasia na graduação de Ciências Sociais, depois fui sua bolsista de iniciação científica e mais tarde sua orientanda de mestrado. Hoje sou professora, doutora e cientista política e, indubitavelmente, Fátima me influenciou muito em seguir por esse caminho.

Entrevistar Fátima foi como eu previa: um momento especialíssimo. Ela, que sempre experienciou sua vida privada e vida acadêmica como coisa una, teceu sua fala rememorando como seus papéis sociais – de filha, irmã, mãe, esposa, divorciada e brasileira – influenciaram e se imiscuíram em suas vivências profissionais e construíram emaranhados de desafios em sua carreira na ciência e na docência.

Fátima narrou como se construiu mulher acadêmica, quais foram suas grandes influências, quais suas contribuições – com a modéstia que lhe é típica – e quais foram seus maiores obstáculos. Também falou do âmbito doméstico, comentou das redes de mulheres que sempre a circundaram – quando sua filha era pequena, disse que contava com uma rede de ajuda que era quase "*social democracia*", já hoje conta de suas viagens com as amigas professoras de ciência política, o "*clube das vovozinhas*".

A Professora Dr.ª Fátima Anastasia é o retrato de uma mulher maravilhosamente real, mulher que andou e anda por curvas que muitas mulheres também andaram e que com grande força, superação, paixão e disciplina se construiu como uma das grandes cientistas políticas brasileiras.

Auto-apresentação

MARIA DE FÁTIMA JUNHO ANASTASIA

Sou graduada em Comunicação Social, Jornalismo, pela PUC-Minas (1977); mestre pelo departamento de Ciência Política (DCP) da UFMG (1985) e doutora em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro – Iuperj (1992). Fiz meu pós-doutoramento na *New York University* (NYU), no intervalo compreendido entre setembro de 1996 e agosto de 1997, sob a supervisão do professor Adam Przeworski. Fui *visiting researcher* na Universidade de Michigan, Ann Arbor (2001), no Giga, Hamburgo (2018) e participei de várias missões de trabalho na Universidade de Salamanca para desenvolver atividades relacionadas ao *survey* sobre Elites Parlamentares Latino-americanas, coordenado pelo professor Manuel Alcântara. Integrei a diretoria da ABCP e da Anpocs, o Comitê de Área de Ciência Política e Relações Internacionais da Capes e contribui para a criação do Fórum de Coordenadores de Programas de Ciência Política, cujo primeiro coordenador foi o professor André Marenco.

Iniciei muito cedo minha carreira de professora universitária: em 1997, aos 21 anos de idade, fui convidada a lecionar na PUC-Minas, onde permaneci como docente por 12 anos vinculada, inicialmente, à faculdade de Comunicação Social e, mais tarde, ao departamento de Sociologia. Ao longo desse período, cursei o mestrado e iniciei o doutorado. No primeiro semestre de 1988, submeti-me ao concurso para professor do departamento de Ciência Política da UFMG, tendo sido aprovada em primeiro lugar. Devido ao calendário eleitoral, só fui contratada em dezembro de 1988.

À época, o DCP-UFMG contava apenas com o curso de mestrado em Ciência Política, o mais antigo do Brasil na disciplina. Seus professores ministravam aulas, também, no curso de graduação em Ciências Sociais e no Ciclo Básico, que abrangia estudantes de diferentes cursos. Participei, juntamente com meus colegas, de vários e bem sucedidos projetos institucionais do DCP. Criamos o curso de doutorado em Sociologia e Política, em associação com o departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG. O primeiro coordenador desse curso foi o Professor Olavo Brasil de Lima Junior. Posteriormente, desmembramos esse doutorado em dois e acoplamos o doutorado em Ciência Política ao mestrado e demos início ao programa de pós-graduação em Ciência Política, hoje uma das referências, no país, na área, avaliado com a nota sete pela Capes.

No início dos anos 2000, organizamos, sob a responsabilidade do DCP-UFMG, o curso de graduação em Gestão Pública, experiência também bastante exitosa. À mesma época, já bastante envolvida com o estudo das instituições políticas e, especialmente, com a subárea dos estudos legislativos, participei da inauguração do Centro de Estudos Legislativos (CEL-DCP-UFMG), do qual fui a primeira coordenadora. Celebramos, no âmbito do CEL, importantes parcerias interinstitucionais e projetos de cooperação internacional. Dentre outros, vale mencionar a cooperação com a Universidade de Salamanca (Usal) e a participação do CEL na Pesquisa sobre Elites Latino-americanas (Pela), com a responsabilidade da investigação junto a deputados federais e estaduais brasileiros.

Aposentei-me, na UFMG, em 2009 e prestei concurso para o departamento de Relações Internacionais da PUC-Minas no mesmo ano, onde permaneço até a presente data. Participei, na PUC, da criação do doutorado em Relações Internacionais, que passou a integrar, juntamente com o mestrado, o programa de pós-graduação em Relações Internacionais (PPGRI-PUC-Minas). Tenho trabalhado com o tema de processos decisórios em política externa e coordeno, atualmente, o

Centro de Estudos Processos Decisórios em Política Externa e Internacional (CEPDE-PPGRI-PUC-MINAS). Integrei, e ainda integro, diversos grupos de pesquisa e de redes de pesquisa nacionais e internacionais, valendo mencionar, entre outros, o INCT-PPED, coordenado pelo professor Renato Boschi, o PRILA-CEL, coordenado pelas professoras Magna Inácio e Mariana Llanos (Giga), além da Pela, da Usal, já mencionada.

Nesses 43 anos de carreira acadêmica, orientei dezenas de dissertações e de teses. Essa atividade de orientação é uma das que me proporciona maior satisfação. Também escrevi artigos, capítulos e organizei alguns livros, em geral em cooperação com colegas, estudantes e/ou ex-orientandos. E, enquanto isso, envelheci.

Entrevista

Helga do Nascimento de Almeida: *O primeiro bloco de perguntas é sobre a sua trajetória na Ciência Política. Você poderia apresentar sua trajetória profissional, formação, filiações institucionais?*

Maria de Fátima Junho Anastasia: Pois não, Helga. Muito obrigada, por me entrevistar. Sou graduada em comunicação social, jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas [PUC-Minas]. Terminei minha graduação em julho de 1977, mas antes de me graduar comecei a dar aulas como instrutora de práticas profissionais. Sempre possuí essa perspectiva de ser professora, pesquisadora. Logo que me graduei, fiz concurso de mestrado em Ciência Política para a Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG]. Passei e iniciei o curso em 1978 – eu já era professora da PUC-Minas. À época, tínhamos um prazo mais flexível para terminar as dissertações e ocorreu o seguinte na minha vida: em 1980, tive uma crise psicológica muito forte, realmente foi algo que me afetou profundamente, mas que, graças a Deus, consegui superar. Foi uma época em que fiquei muito paralisada existencialmente e profissionalmente. Fiquei incapacitada para trabalhar durante uns seis meses. A impressão que tinha era de que estava perdendo a razão. Depois, quando melhorei e voltei ao trabalho normalmente, continuei o mestrado. Já havia terminado os créditos e estava em trabalho de dissertação, que foi muito afetado por essa crise. Voltei a trabalhar, em 1983 tive minha filha – tenho uma filha só que está com 35 para 36 anos agora – e, em 1985, consegui terminar a dissertação. Atrasávamos mesmo antigamente, era mais normal, mas ainda tive esse episódio.

HNA: *E uma filha no meio do caminho.*

MFJA: E uma filha. Me lembro de escrever a dissertação amamentando. E é interessante porque, por outro lado, foi uma parte produtiva ter uma filha e defender a dissertação, um pacote bom, que veio junto, depois da crise muito forte que tive. Defendi a dissertação em 1985 e quem me orientou foi o professor Otávio Dulci – que faleceu recentemente –, uma pessoa pela qual tenho o maior apreço, a maior admiração. Ele me ensinou a orientar e, graças a Deus, tenho e tive muitos orientandos, uma história de orientação muito longa, muito satisfatória para mim e muito feliz. Lembro-me que ele era uma pessoa muito dedicada e compromissada com o trabalho de defesa de dissertação e um dia falei: "Otávio, mas que coisa! Como você consegue ser tão dedicado?" e ele respondeu: "Aprendi com meu orientador. Temos uma tradição que vai passando e espero que você também faça o mesmo". E tento fazer igual, porque, realmente, para mim, é um valor muito importante. Defendi a dissertação em meados de 1985 e, imediatamente, fiz concurso para o doutorado, para o então Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro [Iuperj]. Passei, entrei em 1986, fui orientada pelo professor Olavo Brasil de Lima Júnior – que faleceu em 1999 – e defendi minha tese em 1992. O professor Olavo foi outra pessoa que teve uma influência importantíssima na minha carreira e na minha vida pessoal. Ficamos muito amigos, tenho por ele o maior apreço tanto intelectual, quanto profissional. Tive uma defesa de tese muito, muito difícil... Inclusive, aprendi a ser menos arrogante (risos)! Aprendi que ainda havia muita coisa para aprender e me aperfeiçoar. Como falei, no período em que estava fazendo o doutorado era professora da PUC. Entrei no começo do primeiro semestre de 1977 – antes mesmo de me formar – e fui professora da PUC até o final de 1988. Naquele ano, em fevereiro, fiz o concurso para a Universidade Federal de Minas Gerais, mas, como era ano eleitoral, só fui contratada em dezembro de 1988, tive que esperar. Fui professora da UFMG de 1988

– do departamento de Ciência Política – até me aposentar, em 2009. Foram 20 anos sendo professora na Universidade Federal. Atuei no mestrado, no doutorado... Ajudei a criar o doutorado em Ciência Política; anteriormente, havia o doutorado de Sociologia e Política. Nós os separamos, criando o doutorado em Ciência Política e outro em Sociologia. Hoje, o PPGCP [programa de pós-graduação em Ciência Política] é um programa nota sete, o que nos enche de orgulho. Dei aula, também, no curso de Ciências Sociais da UFMG e, antes de eu sair da universidade, criamos o curso de Gestão Pública que, até onde saiba, vai muito bem. Em março de 2009, me aposentei na UFMG e fiz o concurso para a PUC-Minas. Atualmente, sou professora da PUC-Minas, do departamento de Relações Internacionais, e dou aulas na graduação e na pós-graduação. Participei da criação do doutorado da PUC, um curso de pós-graduação que vai muito bem também – gosto muito de ajudar a criar instituições, acho isso muito legal. A minha situação atual é essa: sou professora do departamento de Relações Internacionais, mas continuo trabalhando com Ciência Política, embora tenha tentado fazer um movimento mais para a fronteira com as Relações Internacionais. Sempre trabalhei com instituições políticas – continuo trabalhando –, mas trabalho também com política externa, com integração regional, especialmente com a experiência da União Europeia e a do Mercosul. Tenho trabalhado recentemente com o tema das capacidades estatais para o desenvolvimento a partir do pertencimento ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento [INCTPPED], coordenado pelo professor Renato Boschi, outra pessoa pela qual também tenho o maior apreço e admiração.

HNA: *Fátima, como você descreveria as suas principais áreas de interesse de pesquisa? Você já começou a falar um pouco agora.*

MFJA: Quando entrei na Ciência Política, me interessei por uma perspectiva mais institucionalista. A minha dissertação de mestrado foi na área de partidos políticos, estudei o Partido Democrático Social [PDS] e a crise da ordem autoritária. No doutorado, também trabalhei com instituições políticas, mas na área de eleições, a questão do processo eleitoral, a questão das instituições da democracia e permaneci nessa perspectiva indo mais para o campo do que se conhece como o novo institucionalismo da escolha racional. Fui aluna do professor Fábio Wanderley [Reis] e isso não se esquece (risos). Ele foi uma pessoa muito marcante, também, na minha formação, que já estava voltada para a área da escolha racional quando cheguei ao Iuperj. Também tive uma interlocução muito boa e muito produtiva com a professora Eli Diniz e com a professora Maria Regina. Atualmente, permaneço nessa área e venho trabalhando fundamentalmente com as instituições legislativas. No departamento de Ciência Política da UFMG, criamos o Centro de Estudos Legislativos, que permanece como uma referência importante nessa área de estudos legislativos. Trabalhamos muito com as questões relacionadas aos atributos da democracia representativa, a questão da *accountability*, da representatividade, da responsividade da ordem democrática e, especialmente, tentando ver o papel e o impacto das instituições sobre a produção destes três atributos – embora, obviamente, não se trate de uma visão institucionalista que atribua às instituições capacidade de explicar todos os fenômenos; gosto de falar para os meus alunos que as instituições são importantes, mas não andam nas nuvens, elas operam sob determinadas condições que têm de ser também levadas em conta: condições econômicas, políticas, sociais, culturais etc. O meu viés é institucionalista, porém tento fazê-lo com o pé no chão, na medida do possível. Não sei até onde consigo, mas tenho consciência de que as instituições não explicam tudo. E tentei fazer esse movimento de me apropriar um pouco dessa discussão relativa à Análise de Política Externa (APE). Hoje, oriento muito nessa área, no departamento de Relações Internacionais, especialmente no programa de pós-graduação em Relações Internacionais da PUC-Minas. Temos um centro de estudos que se chama Cepde: Centro de Estudos Processos Decisórios em Política Externa e Internacional. A maneira de me aproximar das Relações Internacionais foi trabalhando o processo

decisório em política externa buscando, exatamente, mobilizar esse repertório de instituições políticas que levei para lá, tentando fazer esse casamento.

HNA: *Quais foram, ou são, as principais influências, obras, autores e teorias sobre o seu trabalho? Você já falou alguns, mas...*

MFJA: Se você pensar em um autor – o autor, mas a pessoa também, vou te falar por que – mais importante na minha formação é o professor Adam Przeworski. Fiz um pós-doutorado na *New York University* [*NYU*], nos Estados Unidos, e fiquei um ano estudando sob a supervisão do professor Adam Przeworski. Foi nesse período que consolidei muito a minha formação no tema do novo institucionalismo da escolha racional. Tive essa oportunidade de trabalhar com ele em um momento em que estava insegura devido às questões relacionadas à defesa da minha tese. Tive que fazer esse movimento, ainda de formação, importante para eu poder me sentir com mais capacidade e continuar a minha carreira. Esse momento foi muito feliz para mim, porque o Adam Przeworski foi uma pessoa que me acolheu de uma maneira absolutamente generosa em todos os sentidos. Fui para NYC com minha filha, com 13 anos de idade à época. Lembro-me que a primeira reunião que tive com o Adam estava marcada para as 14 horas, na NYU, mas a minha filha teve um problema de saúde e tive que levá-la para o atendimento médico. Cheguei à NYU às 16 horas e pensei "ele vai me mandar de volta", tinha certeza que ele iria me mandar de volta, porque isso é inadmissível. Cheguei, sentei e pedi desculpa. Ele estava me esperando, o que também já mostra que a pessoa estava querendo entender o que tinha acontecido. Falei para ele: "Adam"... Não, na época era professor Przeworski, foi depois que ele virou Adam para mim. "Professor Przeworski, o senhor me desculpe, mas tive esse problema com a minha filha" e fui contando, praticamente chorando. Ele virou para mim e falou: "*Take your time...* Eu também sou estrangeiro, sei o que é ter que se adaptar a uma vida em outro país". Me deu aquele alívio (risos) e pensei "bom, vou sobreviver". E foi um ano crucial para mim, realmente foi um ano crucial, fiquei dedicada exclusivamente a estudar, a produzir, a pesquisar. Ele, muito disponível, muito generoso, foi trabalhando comigo de uma maneira que foi fundamental para a minha carreira. A partir daí, me senti com mais segurança para produzir mais e para contribuir mais, na medida das minhas possibilidades, para as discussões da Ciência Política. Ele é uma pessoa maravilhosa, realmente uma pessoa incrível mesmo. Tinha mais alguma coisa?

HNA: *Se tiver mais algumas obras, autores...*

MFJA: Claro! Falei só do Przeworski... Como te falei, aqui no Brasil, fui muito influenciada por dois autores que considero, ainda hoje, as duas referências nacionais mais importantes, que são o Wanderley Guilherme dos Santos e o Fábio Wanderley Reis. São referências importantes e, obviamente, bem diferentes entre si. Acho os dois, realmente, marcos da Ciência Política no Brasil. Tenho uma admiração enorme por ambos, embora já me tenham feito passar maus pedaços (risos). Sei que faz parte, aprendi muito com eles e sou muito grata. Ambos têm coisas que, até hoje, leio e me encantam, coisas da década de 1980. O Wanderley Guilherme dos Santos, por exemplo, tem aquele livro "Paradoxos do Liberalismo" e o primeiro capítulo, até hoje – e já li umas 10 vezes –, leio e me emociono, porque acho que é de uma sofisticação analítica... Acho maravilhoso. Sou muito influenciada por ambos, sem dúvida nenhuma, pensando na produção nacional. Na produção internacional, além do Adam Przeworski, sou muito influenciada pelo George Tsebelis – uso e trabalho muito com os modelos de análise dele –; pelo [Arend] Lijphart; e o mais importante de todos, em termos de pessoas com as quais não convivi diretamente, o Robert Dahl. Se me perguntam: "Fátima, qual autor mais lhe marcou?" respondo: "o Robert Dahl". Sou uma pessoa que estudou, e não apenas leu, a maior parte da obra de Dahl. Lembro que, às vezes, meus colegas falavam: "Fátima, por que você tem mania desse Prefácio à Teoria Democrática, se o Dahl já

escreveu um monte de coisas depois?" e eu respondia: "Eu sei, li a maior parte das coisas, mas acho que é no Prefácio que está a fundação de sua obra" e o próprio Dahl disse isso. E é no Prefácio que tem a tirada mais genial quando ele, em 1956 – se não me engano foi esse o ano da publicação –, fala que o exercício da democracia não é alguma coisa que se faz apenas no momento eleitoral – ele fala dos interstícios eleitorais –, eleição é uma condição necessária para democracia, mas não é suficiente. Acho que o Dahl tinha uma compreensão que é muito contemporânea à nossa. Retomamos essas questões recentemente e acho que toda a base da teoria democrática contemporânea está ali. Portanto, Dahl em primeiro lugar; Tsebelis; Adam Przeworski – o livro "Capitalismo e Social-Democracia", de 1984, é uma coisa! –; o Lijphart, trabalho demais com os modelos de democracia; e os institucionalistas mais recentes, da década de 1990: Bryan Barry, Russell Hardin... Gosto muito, também, do William Riker, "A arte da manipulação política" – que adoro –, e tem outro que já vou lembrar... Sou velha, gente (risos), mal lembro meu nome (risos). É aquele dos *surveys* participativos, que é muito interessante, também, porque mostra, exatamente, como a questão do debate, da deliberação, é uma coisa absolutamente importante para a produção dos resultados da decisão democrática. Já já me lembro.

HNA: *Daqui a pouco você lembra. Não tem problema.*

MFJA: Acho que os mais importantes, lembrando, de cabeça, seriam esses. Ah, lembrei: James Fishkin, com a obra "*The magic town*".

HNA: *Você contou com apoio financeiro institucional para seguir nas áreas de pesquisa que lhe interessava?*

MFJA: Contei e sou muito grata. Contei com muito apoio financeiro, institucional e estou desolada com o que está acontecendo atualmente. Não poderia ter me formado, por exemplo, se não fosse o apoio de instituições como a Capes [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior], o CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico], a Fapemig [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais]. Ademais, outras instituições não governamentais como a Fundação Konrad Adenauer (KAS), sou muito grata a eles também. Tanto na UFMG, quanto na PUC–Minas, temos alguns convênios interinstitucionais que são importantíssimos: convênio com a Universidade de Salamanca, a Usal, convênio com o Giga [*German Institute of Global and Area Studies*], da Alemanha... Sempre contei com muito apoio. Posso especificar um pouco, por exemplo: fiz o meu mestrado com apoio do CNPq e o doutorado com o apoio da Capes, ou vice-versa, não me lembro exatamente. Sempre contei, também, com apoio da Fapemig para fazer a produção de tese, dissertação, participação em congressos, projetos de pesquisa... Sou, também, pesquisadora do INCTPPED. Inclusive, fui pesquisadora do Ipea [Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada] durante um período muito bom. À época, tinha bolsa de produtividade do CNPq e depois migrei para essa bolsa do Ipea. Sempre contei com muito apoio e ele foi imprescindível! Sem este apoio, as Ciências Sociais, pelo menos, com certeza, não sobrevivem. E ciência tem que ser feita em liberdade, não dá para pedir atestado ideológico de cientista. Estou... Sei que é ruim falar que se está estarrecida, não podemos ficar estarrecidas, temos que "mandar ver" e fazer alguma coisa, mas, por enquanto, estou absolutamente estarrecida com o que está se ventilando por aí. Fico assim "devem ser *fake news*, não é possível". Não é possível que, para se conceder bolsas, agora, dos órgãos de financiamento público como Capes e CNPq, se tenha que fazer uma filtragem ideológica – que seria a primeira a ser feita, independentemente, da capacidade do pesquisador – e mesmo aqueles que já estão lá fora, dizem que correm o risco de ter que retornar. A comunidade científica, absolutamente, não pode aceitar, nem compactuar com uma coisa dessas, porque a ciência morre. Sem liberdade a ciência morre, qualquer ciência. As Ciências Sociais, as Ciências Humanas nem se fala!

Provavelmente, todas as pessoas que vão ser entrevistadas – são mulheres, não é? – tenho a impressão que vão falar nessa mesma direção, que este apoio é, absolutamente, imprescindível, porque a nossa formação é muito longa. Precisamos ter uma formação longa – graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado –, ter redes internacionais de pesquisa e, para isso, temos que ter recurso para participar dessas redes, para participar de congressos, de eventos internacionais, de grupos de pesquisa. Precisamos de recursos para pesquisar e sem isso vamos regredir. Regredir de uma forma absolutamente lamentável para tempos mais obscuros do que estamos vivendo. Esse ponto é fundamental, fico muito satisfeita de ter essa oportunidade de falar sobre isso, porque sou uma pessoa que orienta estudante de mestrado, doutorado e mesmo da graduação. Vejo o impacto que esses recursos têm na profissionalização dos estudantes que ganham bolsa do Probic [Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica]. Isso é uma coisa absolutamente importante. Temos que tomar muito cuidado, muito cuidado para não permitir que a educação no Brasil seja posta em risco, para que ela realmente não sofra impactos negativos desse tipo de ideologização da produção científica. Isto sim é ideologizar. Lamento muito que estejamos passando por essa fase.

HNA: *Agora, o segundo bloco, que é sobre a relação entre trajetória acadêmica e vida privada.*

MFJA: A vida como ela é, ok...

HNA: *Como a sua trajetória profissional foi, se foi, afetada por sua vida privada e vice-versa, a vida privada afetada pela profissional?*

MFJA: Essa é uma pergunta muito instigante, porque tenho muita dificuldade em separar as duas coisas. Sou quem sou, em grande parte, pela profissão que abracei, que amo. As pessoas com as quais convivo, os meus melhores amigos, as pessoas nas quais tenho confiança, interlocução etc. são as que conheci na minha trajetória profissional. Sempre gostei muito do que faço, tenho muita satisfação. Você veja só, tenho 63 anos de idade. Comecei a dar aula com 21, sempre na universidade, vou completar agora, nesse ano de 2019, 43 anos de profissão. É muita coisa. Isso me formou, me formou existencialmente, eticamente, politicamente. A pessoa que sou, é essa pessoa que foi formada nessa ciência e por esse labor profissional. Tenho muita dificuldade de separa o que penso, o que acredito, projeto de vida... Tudo isso está muito interligado. Mas houve alguns momentos da minha vida pessoal que me afetaram e que não estavam estritamente ligados à minha vida profissional. Como falei, em 1980 – quando tinha 25 anos de idade – tive uma crise muito séria. Sofri demais, tive uma angústia... Achei que fosse ficar louca. Fiquei muito fragilizada. Não sei dizer o que foi. Na verdade, tive isso por um gatilho de uma situação em que me vi envolvida e me gerou muita angústia – não vou entrar em detalhes, porque é pessoal. Fiquei seis meses muito mal, muito incapacitada, tirei licença no trabalho – eu dava aulas, tive que abandonar o trabalho, a dissertação –, mas depois fui melhorando, superando. E é interessante, digo que isso foi um divisor de água na minha vida, pois era uma pessoa antes e passei a ser outra depois. Perdi a inocência no sentido de que vi como é tênue, e ao mesmo tempo robusta, a linha divisória entre lucidez e loucura. Mas superei, graças a Deus! Esse período foi muito difícil, me influenciou muito, realmente; no entanto, me tornei uma pessoa mais forte, pois me fortaleceu. O que não mata (risos)... Retomei os meus estudos e meus trabalhos. Esse foi um momento, realmente, que coloco como um grande divisor de águas do ponto de vista de influências. Tive uma grande alegria na minha vida pessoal, que foi ter minha filha. Ela não foi planejada, mas foi muito bem-vinda. Só tive uma filha, nunca tive nenhuma outra gravidez. Gostaria de ter tido mais filhos, mas... A minha filha foi de imediato e imediatamente, também, agregada a tudo que faço. Me lembro que se não tivesse com quem deixá-la, a levava comigo para trabalhar. Eu trabalhava em uma instituição católica, então, por suposto, eles tinham

que ser muito solidários com a dificuldade (risos) e foram, isso foi muito legal. Amamentei minha filha até dois anos e meio no peito e, para parar de amamentá-la, tive que ir ao psicólogo, porque não conseguia me separar dela. Uma vez, trabalhando na extensão universitária da PUC, tive que fazer uma viagem para Pirapora – nós viajávamos na extensão, mas eu evitava por causa da amamentação. Me falaram que teria que viajar e falei: "só se puder trazer minha filha, porque estou amamentando", disseram que sim, que não teria problema algum. Nós íamos de ônibus, com os estudantes, outros professores e cheguei com minha filha de dois anos e meio andando, falando tudo e disseram: "Ah, é esse bezerro aí que mama até hoje!?" (risos). Acharam que eu iria chegar com um bebê de colo, foi tão engraçado... Dizem que tem uma foto dela mamando debaixo da cachoeira. Te digo uma coisa, Helga, com muita, mas muita honestidade: nunca deixei de fazer nada que tivesse que fazer, nem profissionalmente, nem afetivamente, pelo fato de ter tido uma filha. Nunca! Jamais vou virar para Bebel, minha filha, e falar: "Ah, me sacrifiquei por você". Sacrifiquei coisa nenhuma. Nunca, nunca, porque sei que essa cobrança depois é muito ruim. Ela foi uma filha criada com muito amor e com a presença possível. Tive pessoas que me ajudaram, claro, até brincava falando que tinha, praticamente, uma social-democracia dentro de casa, porque tinha a *baby-sitter* que ficavam com ela à noite para mim; tinha uma ajudante que cuidava da alimentação, disso e daquilo e, quando precisava, a carregava comigo. É desse ponto de vista que digo que não foi nada que tenha me trazido dificuldades maiores. Digo isso da perspectiva de pessoa de classe média, que tem os recursos para fazer. Sei que para a maioria das pessoas é muito difícil. Vamos falar: para a maioria das mulheres. Sei que sou um ponto fora da curva nesse ponto de vista, mas, realmente, não tive. Do ponto de vista de algo que tenha influenciado muito mesmo foi aquele episódio. Obviamente, outra coisa da minha vida pessoal que influencia até hoje a minha vida profissional é o fato de não ter tido proficiência em inglês quando jovem. Isso, até hoje, é uma luta e por quê? É obvio, leio inglês há décadas igual leio português, inclusive leio romance, assisto filme e tudo mais. Só que sou travada para falar em inglês. Em português falo com muito mais sofisticação e desembaraço do que em inglês. Isso é uma coisa que me atrapalhou muito. Gostaria muito de poder ter...

HNA: *Oportunidade, isso é uma questão de oportunidade, não é, Fátima?*

MFJA: Mas na minha época não era como hoje em dia. Por exemplo, a Bebel foi com 13 anos para os Estados Unidos e falava inglês fluentemente. Pude fazer meu pós-doutorado com êxito nos Estados Unidos, porque o Adam Przeworski aceitava conversar em espanhol comigo. Eu falava em português e ele em espanhol. É uma dificuldade que tenho até hoje. Viajo, entendo, falo quando viajo sozinha o inglês que tenho que falar, mas entre pares sou travada, porque não tenho o inglês tão fluente como deveria ter. Saí do Brasil pela primeira vez em uma viagem que fiz a convite do USIS [*United States Information Service*], Estados Unidos. Eu tinha 37 anos, era professora da UFMG e fiquei um mês viajando a convite desse órgão. Conheci seis ou sete cidades, vários professores, várias universidades e um dos professores que quis muito conhecer, porque eu trabalhava nessa perspectiva, foi o Russel Hardin, em Chicago. Inclusive, queria estudar na Universidade de Chicago, com o Adam Przeworski; fui para Nova Iorque, porque ele foi para lá. Isso me abriu muita porta. Fui, mas precisei que um intérprete fosse comigo, para poder viajar e tudo mais. Até hoje isso é um pouco constrangedor para mim, é uma limitação que tenho. Gostaria de ter estudado mais fora, ter pesquisado mais. Na medida do possível, vou. Recentemente, fiquei no Giga trabalhando por um mês com uma bolsa da Adenauer. Não me furto a fazer as coisas, mas faço com dificuldade. Essa é uma limitação importante. E não adianta estudar inglês, quer dizer, adianta, claro, depois que você é adulto adianta. Sempre estudei depois de adulta, continuo estudando e tentando me aprimorar, mas se não tem, penso eu, uma base da infância e da juventude, você não vai possuir a fluência que

as pessoas que tiveram essa oportunidade possuem. Essa é uma dificuldade que tenho até hoje também, mas, enfim, vou levando. Era o que mais?

HNA: *Como a vida profissional afetou a privada e a privada afetou a profissional?*

MFJA: É, acho que já respondi. A profissional afeta a privada na medida em que as duas se entrelaçam muito.

HNA: *Vou falar isso aqui, porque você tinha falado dessa mistura das vidas e lembro, como sua orientanda do mestrado, que as reuniões eram aqui na sua casa e isso foi muito marcante para mim, sempre falo para todo mundo. As reuniões eram todas as segundas-feiras à noite. Vínhamos para cá e em cada segunda discutíamos um trabalho de um dos colegas.*

MFJA: Faço isso até hoje.

HNA: E isso foi tão importante para os laços daquele grupo. Eu estudava política externa e para os laços dos colegas de grupo que estavam estudando o mesmo assunto foi muito importante. Como era importante, para nós, quando você, tão professoralmente, fazia as perguntas "E qual é a sua pergunta de pesquisa?", "E como que é?" e ia fazendo isso, essas perguntas, como era importante! E nos trazer para sua vida privada, para dentro da sua casa...

MFJA: Obrigada por essa lembrança, Helga, também gosto muito. Oriento em grupo até hoje, mas tive que parar as orientações na minha casa por conta da Déborah, ela tinha alergia a pelos de gato. Lembra da Déborah?

HNA: *Sim (risos).*

MFJA: A Déborah terminou o doutorado, é professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – ela é danadíssima – e tinha alergia aos gatos. Um dia, teve uma crise de alergia aqui em casa tão forte que falei: "Vamos ter que transferir, senão mato uma aluna" (risos). Mas acho muito legal essa coisa de orientar em grupo, gosto muito. Gosto muito de orientar, tenho muito prazer em fazer isso e a orientação em grupo, primeiro, acho que poupa tempo porque há certos processos que são muito compartilhados e, segundo, poupa angústia também. Por que? Porque as pessoas são muito solitárias nos trabalhos de tese e dissertação. É uma coisa que, em geral, tem pouca interlocução e quando se tem um grupo de pessoas que estão pesquisando na mesma linha de pesquisa, tem-se a ocasião de...

HNA: *De trocar impressões.*

MFJA: É, exatamente, de fazer esse intercâmbio. Uns aprendem com as dificuldades, com as dúvidas e com os erros dos outros, acho isso muito legal. É interessante, se eu for ver quem são meus grandes amigos hoje, são pessoas que conheci profissionalmente. É para falar em relação às questões de mulheres, não é? Por exemplo, nós temos um grupo – somos cinco cientistas políticas – há mais de dez anos, que, anualmente, viajamos para a praia. No começo, íamos para Guarajuba, mas como o hotel que íamos faliu, agora vamos para Santo André. Nos chamamos de "grupo das vovozinhas". Esse grupo virou das vovozinhas, porque houve um episódio muito engraçado: estávamos em Guarajuba – isso faz muito tempo, pois já fomos para Santo André umas três ou quatro vezes –, de carro e resolvemos tomar um *drink* na praia do Forte, que é uma praia chique. Nos arrumamos, todas muito bonitinhas, e fomos. Chegando à praia do Forte, havia um soldado com uma roupa esquisita, meio camuflada, começou a falar; paramos o carro no meio da rua,

abrimos a janela, "Pois não?" e o homem já veio xingando, porque estava nos mandando entrar para pararmos no estacionamento, já que não podia entrar de carro na cidade, que estava cheia demais. Tínhamos que parar e descer. O soldado veio com uma cara brava para nos xingar e quando abrimos a janela do carro, a sua expressão mudou. Ele nos olhou, virou para um companheiro que estava mais adiante, e bravo também, e gritou, acho que era Maurício: "Maurício, olha aqui: as vovozinhas! Elas vieram passear aqui na praia do Forte, as vovozinhas!" (risos). Acho que ele nunca tinha visto um coletivo de vovozinhas antes, porque praia, sabe como é? A mãe, o pai, dois filhos e uma vovozinha que está ali para sofrer, para tomar conta dos netos enquanto os pais se divertem. Cinco vovozinhas? Pronto ele achou aquilo...

HNA: *Desfrutando...*

MFJA: Exatamente! "As vovozinhas... Ah, elas não podem parar o carro aqui. Elas não vão dar conta de chegar lá!". Resultado: ele nos deixou ir de carro e viramos o grupo das vovozinhas. E ainda falei assim: "fama sem proveito", porque sou louca para ser avó e não tenho neto. Agora ganhei fama de vovozinha sem proveito, mas virou o nome do grupo. É muito interessante isso que temos, e o grupo é de mulheres, não tem Bolinha não. Nós temos grandes amigos homens, mas ninguém cogita a possibilidade de entrar.

HNA: *Mas é importante essa mistura do impessoal com o pessoal. Amigas de vida, de viagem...*

MFJA: Pois é, exatamente, amigas de vida, de viagem, amigas de sofrimento na política – já sofremos demais juntas –, amigas de tolerância política quando há divergências... Atualmente é mais fácil convergir, mas há situações de divergências e respeitamos muito. É uma alegria essa profissão, gosto muito. Há momentos meio difíceis, mas, no geral, é uma alegria. Outra coisa que acho importante falar: a convergência entre o privado e o profissional. A satisfação, a felicidade que é ver seus alunos, os que você ajudou a formar, deslanchando na vida, não há coisa melhor. Por exemplo: Magna [Inácio] foi minha orientanda.

HNA: *Sim.*

MFJA: Magna, agora, está dando aula em Stanford. Olha só! Isso, para mim, é uma coisa... Lógico que o mérito é todo dela, mas fico muito feliz de alguma maneira ter participado de uma trajetória tão exitosa. Quando vejo as pessoas, cada uma em um lugar, pesquisando, dando aula... A Déborah, sobre quem já falei, é uma menina, acho que não tem 30 anos ainda. Quando fez concurso para a UFMS eram oito candidatos: sete doutores e ela, que não havia terminado a tese. Passou em primeiro lugar na frente de sete doutores. Por conta disso, um trabalho de tese que ela teria que entregar em um ano e três meses, teve que terminar em três meses e entregou com total sucesso. Isso não tem preço. Ver as pessoas que, de alguma maneira, você participou da formação indo para a luta e deslanchando...

HNA: *Então vou adiantar a pergunta que faria no final. Reparo muito na importância que você teve na vida de algumas alunas, e que hoje são professoras, como a professora Magna Inácio, da UFMG; a Luciana Santana, da Ufal; a Marta [Mendes da Rocha], que está na Universidade Federal de Juiz de Fora [UFJF]; eu agora, que estou na Ufla, em Lavras. Como você é extremamente importante para nós e essa importância que você dá a ser professora, a ensinar, a se dedicar a nós é muito importante para a nossa formação.*

MFJA: Nossa, estou até emocionada! Obrigada!

HNA: *Para mim, foi muito marcante.*

MFJA: Essa entrevista está muito enviesada! (Gargalhadas)

HNA: *(Gargalhadas) Quando me convidaram, inclusive, para a entrevista falei: "Nossa! Vai ser ótimo, porque tenho muita coisa a falar para a Fátima!". Porque isso é muito importante para nós.*

MFJA: Obrigada, Helga! E vocês me marcam muito.

HNA: *E essa formação desse grupo de mulheres! Claro que você teve muitos orientandos homens: Felipe Nunes [dos Santos], Pedro [Andrade] Matos que é, também, colega nosso.*

MFJA: O Carlos Ranulfo [Feliz de Melo], Manoel Santos... Tem vários orientandos.

HNA: *O Ranulfo, nossa. O Manoel... Tem homens, mas tem um grupo de mulheres muito fortes que viraram professoras.*

MFJA: E mulheres muito competentes. Acho isso o máximo! E é interessante. Sei que você é feminista, sei disso. Não sou feminista, não nesse sentido de militante do feminismo. Mas, simplesmente, acho o seguinte: não pode haver nenhuma distinção entre homem e mulher.

HNA: *Mas isso não é ser feminista?*

MFJA: Não sei, porque não milito nessa área, isso que estou dizendo. Essa não é uma causa que me mobiliza como te mobiliza, por exemplo. Mas respeito muito, acho uma luta importante. Agora, tenho muito orgulho quando vejo as mulheres que, obviamente, têm mais dificuldades; obviamente, têm mais limites, não pessoais, mas sociais, limites do contexto, e conseguem, inclusive, muitas vezes, ter mais destaque do que os homens. Acho isso muito legal. Não que tenha algo contra os homens, não tenho nada contra, mas acho muito legal. Para ser sincera, nunca tive muita dificuldade – pelo menos nunca percebi –, pode ser que tenha perdido oportunidades que nem sei que perdi por ser mulher. Pode ter acontecido. Mas também vivo meio nas nuvens, não dou muita notícia das coisas. Portanto, se alguém me discriminou por ser mulher, posso não ter percebido, mas sei que a maioria das mulheres tem muito mais limitações do contexto, de preconceito...

HNA: *A questão de filho, por exemplo. Você imagina a diferença, possivelmente, que existiria entre homem e mulher? Você foi fazer pós-doc e levou a Bebel com 13 anos. Geralmente, um homem não levaria os filhos.*

MFJA: Vou te contar um caso, olha só que interessante. Realmente foi difícil, foi muito complicado, me arrepio toda vez que conto isso, porque é muito marcante essa coisa da vida pessoal com o profissional. Quando a Bebel estava com esse problema lá em Nova Iorque, começou a ficar tudo muito difícil, porque não tínhamos dinheiro, a bolsa pagava o meu aluguel. Graças a Deus o real estava igual ao dólar, senão não teria como ter vivido lá. Vivíamos com o meu salário e pagava o aluguel com a bolsa. Um dia estava tão difícil, nós duas tão acabadas que eu disse: "Bebel, vamos fazer uma coisa? Nós estamos sofrendo tanto, você está tão triste". Falei: "Não há pós-doutorado que justifique tanto sofrimento. Se está tão ruim, vamos voltar, em outra ocasião a gente retorna". Ela virou para mim e falou: "Não, mamãe, nós não vamos fazer isso!". Ela me deu uma lição de vida! "Nós não vamos fazer isso e sabe por quê? Porque se nós voltarmos, nunca mais vamos conseguir fazer nada na vida". Ela falou isso para mim e na hora que ela falou "não, vamos ficar" eu fiquei forte, pensei que se ela que é a principal atingida por essa catástrofe que estávamos vivendo quer ficar... E

até hoje ela fala que ter ido comigo para os Estados Unidos foi a melhor coisa que fez, porque ela saiu da bolha. Quando tenho medo das coisas falo "se não enfrentar não faço mais nada".

HNA: *E, talvez, as mulheres façam isso mais.*

MFJA: Na verdade, as mulheres são muito robustas. Pelo menos acho, porque é difícil ver homens enfrentando as situações que nós enfrentamos.

HNA: *Imagina, levando filho de 13 anos, passando por qualquer dificuldade. Quem fez isso, não é? Vamos para a segunda pergunta do bloco: você acredita que a relação entre a vida privada e a atuação profissional se dá de maneira semelhante com os seus colegas homens?*

MFJA: Não.

HNA: *Não vou nem continuar, então. Não.*

MFJA: Não, acho que não. Até há alguns colegas, bem recentemente, que estão mais abertos com o cuidar dos filhos, o dividir, quando há separação do casal tem a guarda compartilhada, mas acho que, em geral, persiste aquela ideia de que filho é responsabilidade da mãe e os pais ficam na retaguarda. Portanto, acho que não. Os homens têm menos culpa do que as mulheres de não se dedicarem integralmente a uma determinada tarefa. Quando tem um episódio de finalização de tarefa que não tem jeito, ficamos tensas – não sei se foi quando fiz o concurso para a UFMG, se foi quando defendi a tese. Você está estudando 24 horas por dia, fala "Meu Deus, não vou dar conta", fica histérica. Não conheço alguém que fale "não, foi tranquilo".

HNA: *"Fiquei ótima!"*

MFJA: Não conheço. E a Bel virou para mim e falou: "Mãe, agora que você terminou isso, vamos voltar a ser felizes nessa casa?" (risos).

HNA: *Nossa Senhora... A culpa da mãe vem toda.*

MFJA: É! "Vamos voltar a ser felizes nessa casa?". Ela é tinha o quê? Quando fui para Nova Iorque ela tinha 13 anos; na época do concurso tinha 5 anos. Foi na época da tese, quando tinha 9 anos. É difícil, mas, por outro lado, somos as mães que conseguimos ser. Eu seria uma mãe muito pior se fosse de sacrifício em sacrifício, nesse sentido de deixar de fazer as coisas. Nunca disse que deixei de escrever um artigo por... Nunca! Deixei por incompetência minha, por preguiça, dificuldade. É mais custoso, porque temos mais...

HNA: *É responsabilidade mesmo, não? Socialmente, a responsabilidade pesa mais.*

MFJA: É. Mas tenho uma filha só. Tem pessoas que têm dois, três, quatro... Aí a coisa vai pesando mais.

HNA: *É isso. Mais alguma coisa?*

MFJA: Que me lembre, não. Acho que já falei. Acho que os homens têm privilégios. Talvez eles nem se deem conta disso. E talvez estejam mudando um pouco agora. Se bem que, com essa onda conservadora que vem agora, sabe Deus o que vai ser de nós. Vamos ver.

HNA: *Vamos ver.*